



“Você nem acredita em Deus.”

“E você também não”, ele diz.

Então ele assente e abre a porta, engolido pelos ventos gelados e pela noite sem fim.

Quando eu era humano, eu conseguia dormir num piscar de olhos. Minha esposa sempre me dizia que tinha inveja da minha habilidade. Fosse quando as

crianças gritavam, como as crianças costumam fazer, ou quando os gatos da fazenda brigavam e os burros zurravam, nada conseguia me acordar.

No minuto em que minha cabeça bateu no travesseiro, mesmo com um vazamento no telhado de palha que

sucumbiu à chuva, eu estava sonhando.

Eu disse a ela que sempre poderia preparar uma poção para dormir, algo que ela não conseguia fazer por si mesma. Nossa bruxaria raramente funcionava em nós, mas funcionaria para os outros. Mas ela era teimosa e decidiu resistir.

Então, depois que um vampiro me matou e me forçou a voltar à vida como um monstro,

nunca mais fui visitado pelo doce feitiço do sono. Passei cem anos sem um sonho, cem anos sem nenhuma escapatória, e fui forçado a lidar com a criatura vil que havia me tornado.

Foi somente no monastério que o sono veio em ataques e recomeços.

Sono que trouxe pesadelos, que continuam até hoje.

Rezo ao Deus em quem tanto me esforço para acreditar e peço libertação dos terrores, para ser visitado por aquele sono doce, mas ainda assim, ele só me concede o que eu temo.

Então não durmo na maioria das noites.

Esta noite especialmente.

Já faz uma semana que Abe foi embora. Os estoques de sangue que ele mantém em barris

nos fundos da igreja, barris que, se alguém tropeçasse, eles

presumiriam ser o vinho da união sacramental, estão começando a acabar. Eu

tenho apenas o suficiente para durar mais algumas semanas antes de ter que

encontrar meu próprio

sustento.

Antes de ter que matar pela primeira vez em oito meses.